



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia

**Curso de Letras – Língua Inglesa
Bacharelado em Tradução Inglês-Português**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Linha de Pesquisa: ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Tema: Tradução de Literatura Clássica

Título: *Romeu e Julieta*: um breve estudo comparativo de trechos selecionados da peça original de Shakespeare e traduções para o português brasileiro e para o japonês.

Professora orientadora: Dr^a Glória Regina Loreto Sampaio

Aluna: BEATRIZ CHIEMI SAKAMOTO CARDOSO

RA 00298282

Novembro – 2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão às pessoas especiais que tornaram este estudo possível. Seu apoio inabalável e assistência valiosa foram fundamentais em todas as etapas do projeto, permitindo-me alcançar os resultados que obtive.

Quero expressar minha profunda gratidão à minha mãe por ser meu pilar ao longo desta jornada. Ela não apenas tornou minha passagem pela PUC possível, mas também me encorajou a trilhar este caminho. Em momentos de confusão, ela foi meu guia, orientando-me e apoiando-me em todas as decisões, desde coisas triviais como ao escolher o nome do meu cachorro, decidir qual instrumento musical aprender até qual curso eu gostaria de seguir na faculdade. Ela foi minha primeira educadora, ensinando-me não apenas as primeiras palavras em português, mas também em japonês. Sempre se disponibilizou para me ajudar caso eu precisasse e sempre me apoiou, e em momentos críticos, ela foi meu refúgio. Agradeço ao meu pai por seu amor incondicional e apoio constante em todas as minhas escolhas e conquistas. Mesmo à distância, ele viabilizou meus estudos na faculdade, lembrando-me sempre de seu amor e fé no meu potencial.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos os professores da PUC que me acompanharam em minha jornada, pois não teria conseguido trilhar este caminho sem suas orientações. Expresso minha sincera gratidão à Professora Márcia Pedreira por me introduzir ao mundo da literatura inglesa shakespeariana, dando-me coragem e me inspirando a estudar mais a fundo os escritos de Shakespeare. Ela forneceu as ferramentas e o conhecimento necessários para compreender seus poemas e peças, despertando em mim um interesse ainda mais profundo pelas histórias do bardo. Não tenho palavras para expressar minha gratidão à minha orientadora, Professora Glória Sampaio. Ela iluminou todo o caminho do desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, dissipando a impressão de monstro de sete cabeças que eu tinha do processo. Nos momentos de inquietação e ansiedade durante o processo de escrita, sua orientação racional e pensamento ligeiro me tranquilizavam, lembrando-me de que não estava sozinha nesta jornada. Seus comentários precisos e valiosos

elevaram a qualidade do meu trabalho além das minhas expectativas. Não poderia ter pedido por uma orientadora melhor.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Professora Emy Ueda Saito por me acompanhar nesta incrível jornada de aprendizado da língua japonesa. Ela foi a primeira pessoa a me introduzir formalmente ao idioma, orientando meus primeiros passos. Sob sua tutela, aprendi muito mais do que apenas ler e escrever o alfabeto japonês, contar os números e escrever meu nome. Absorvi ensinamentos valiosos através de seu ensino, os quais me dão resistência em minha jornada, iluminando o meu caminho e me ajudando a superar obstáculos para que eu possa dar o melhor de mim, ensinamentos estes que levarei para a vida toda. Hoje, enquanto analiso os escritos de Shakespeare em um contexto cultural tão distante do original, sei que não estaria aqui sem a sua orientação. Sua orientação e auxílio nas traduções dos trechos em japonês para o português foi inestimável, capacitando-me para realizar uma análise esclarecida. Estou profundamente grata por ter uma mentora tão dedicada e sábia. Também gostaria de agradecer a todos os professores e professoras do Colégio Oshiman que através de seus ensinamentos me direcionaram a trilhar o caminho em que estou hoje, fornecendo a base necessária para que pudesse ter êxito em minha vida acadêmica, me inspirando a seguir no caminho das linguagens e nutrindo o meu carinho pelos idiomas e pela literatura; agradeço também à todos os professores que me encorajaram a seguir fazendo o que gosto e por abrirem meus horizontes para esta nova etapa da vida.

Finalmente, quero expressar minha profunda gratidão a todos os meus amigos por todo o apoio, carinho e amizade ao longo deste último ano de faculdade e por todos os momentos incríveis que compartilhamos ao longo do caminho. Estiveram ao meu lado nos momentos de estresse e tristeza, bem como nos momentos de alegria e festa. Sou muito grata por termos criado memórias tão preciosas que carregarei comigo eternamente.

RESUMO

Este estudo investiga as complexidades da tradução literária, focalizando a obra icônica de William Shakespeare, *Romeo and Juliet* através de uma análise comparativa de trechos da obra original em inglês com as traduções para o português brasileiro por Amélia Mendonça e Barbara Heliadora (2015) e para o japonês por Toshio Nakano (1951).

Os idiomas envolvidos na tradução apresentam notáveis diferenças linguísticas e culturais, abrangendo variações estruturais, vocabulário e expressões idiomáticas, bem como distintas bagagens históricas, sociais e literárias. Tendo como base conceitual os princípios de Correspondência e Equivalência (LEDERER, 2003), a pesquisa visa a aprofundar a compreensão das diferenças linguísticas e culturais entre inglês, português brasileiro e japonês, explorando como tais diferenças influenciam as escolhas tradutórias. A pesquisa pretende examinar como os referidos tradutores enfrentam os desafios decorrentes de tais diferenças, observando em que medida suas escolhas tradutórias afetam a recepção e compreensão da obra traduzida, observando em que medida os tradutores se aproximam ou se afastam dos princípios de Correspondência e Equivalência em sua abordagem e prática tradutória, podendo servir como referência para tradutores, estudantes e pesquisadores interessados em tradução literária.

A metodologia inclui uma revisão do referencial teórico, leitura detalhada das versões de *Romeu e Julieta* e uma análise comparativa dos elementos presentes no *corpus*. O estudo busca conclusões preliminares sobre as estratégias adotadas pelos tradutores, proporcionando insights para estudos futuros sobre práticas tradutórias em contextos linguísticos e culturais diversos.

Palavras-chave: *Romeu e Julieta*. Equivalência. Correspondência. Lederer. Tradução.

ABSTRACT

This study investigates the complexities of literary translation, focusing on William Shakespeare's iconic work, *Romeo and Juliet*, through a comparative analysis of excerpts from the original English text and its translations into Brazilian Portuguese by Amélia Mendonça and Barbara Heliodora (2015) and into Japanese by Toshio Nakano (1951).

The languages involved in the respective translations exhibit notable linguistic and cultural differences, including structural variations, vocabulary and idiomatic expressions, as well as different historical, social and literary backgrounds. Based on the conceptual principles of Correspondence and Equivalence (LEDERER, 2003), the research aims to deepen our understanding of the linguistic and cultural differences between English, Brazilian Portuguese and Japanese, exploring how these differences influence translation choices. The research aims to examine how these translators tackle challenges arising from these disparities by observing to what extent their translation choices affect the reception and comprehension of the translated work and assessing how closely or distantly the translators adhere to the principles of Correspondence and Equivalence in their approach and translation practice, something that may serve as a reference for translators, students and researchers interested in literary translation.

The research involves an analysis of selected passages from *Romeo and Juliet* and their translations, using the concepts of Lederer's studies (2003) as an analytical framework. The methodology includes a review of the theoretical framework, a detailed reading of the versions of *Romeo and Juliet* and a comparative analysis of the elements present in the *corpus*. The study seeks to draw preliminary conclusions about the strategies adopted by the translators, providing insights for future research on translation practices in diverse linguistic and cultural contexts.

Keywords: *Romeo and Juliet*. Equivalence. Correspondence. Lederer. Translation.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	
Preâmbulo e Justificativa.....	8
Objetivos.....	9
Referencial Teórico.....	10
Corpus da Pesquisa	10
Metodologia.....	11
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 Equivalência e Correspondência.....	12
1.2 Abordagens no processo tradutório.....	13
1.3 O que é equivalência?.....	13
1.3.1 A tradução por equivalência	13
1.3.2 Equivalência cognitiva.....	14
1.3.3 Equivalência afetiva.....	14
1.3.4 A natureza global da equivalência.....	15
1.3.5 Idiomaticidade e criação de equivalentes	16
1.3.6 A avaliação da equivalência	17
1.4 O que é correspondência?	18
1.4.1 A questão da polissemia e a delimitação do sentido pretendido	19
1.4.2 A correspondência e a equivalência no trânsito tradutório	20
1.5 O explícito ou sinédoque	22
1.6 Palavras escolhidas deliberadamente	24
1.7 Fidelidade e liberdade	24
CAPÍTULO 2 - OS AUTORES E A OBRA	
2.1 Barbara Heliodora e Ana de Mendonça, as tradutoras para o português brasileiro	25
2.1.1 Ana Amélia de Mendonça	25
2.1.2 Barbara Heliodora	26
2.2 Yoshio Nakano, o tradutor para o japonês	28

**CAPÍTULO 3 - A OBRA ORIGINAL E AS TRADUÇÕES: ANÁLISE COMPARATIVA
DE TRECHOS SELECIONADOS**

3.1	Preâmbulo	29
3.2	Trechos selecionados de <i>Romeu e Julieta</i> e análise comparativa	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Preâmbulo e Justificativa

A tradução é uma prática que desafia aqueles que traduzem a transmitirem da melhor forma o significado e a essência de uma obra literária de uma língua para a outra. É uma prática que ultrapassa a simples troca de palavras por seus correspondentes em outra língua, exigindo do tradutor a habilidade de transmitir o que está subjacente em um texto para a outra língua, aprofundando-se e captando o sentido da forma mais completa possível. Essa necessidade varia de acordo com o tipo de texto com o qual se está lidando. Com textos de natureza técnica, jurídica ou biomédica já não existe essa necessidade de transmitir algo que esteja subjacente no texto, tendo em vista que estes são estilos que precisam ser mais explícitos e diretos. No entanto, quando se trata de traduções de poesia, adaptações de músicas e traduções literárias, existe uma grande carga de sentido subjacente nas palavras que compõe essas obras. Nesses casos, é de suma importância que o tradutor consiga capturar as camadas de significado contidas no texto. Nesse contexto, o clássico de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, é uma peça icônica que já foi traduzida inúmeras vezes para diversas línguas, incluindo o português e o japonês. Este trabalho procura realizar uma análise comparativa das traduções dessa obra com base nos conceitos de correspondência e equivalência de Marianne Lederer, o que pode proporcionar perspectivas valiosas sobre os desafios enfrentados e decisões tomadas pelos tradutores ao adaptarem essa obra clássica para suas respectivas línguas.

Desde o início de meus estudos sobre tradução e durante o curso, o que mais despertava um brilho em meus olhos eram as formas como os tradutores encontravam de dizer a mesma coisa dita em uma língua, em outra, de um jeito diferente. Perceber como o tradutor contornava os empecilhos numa tradução era fascinante, além de revelar a questão de que línguas de origens diferentes possuem modos de formular e transmitir ideias diferentes. Ao longo do curso fomos expostos a diferentes tipos de literaturas e me vi encantada pela literatura shakespeariana, a qual finalmente tive a oportunidade de estudar. Por conta disso, escolhi uma de suas peças mais icônicas para ler e terminei trazendo esse gosto para meu trabalho final. *Romeu e Julieta* é uma das obras mais aclamadas da literatura mundial, conhecida por sua riqueza temática, intensidade emocional e diálogos poéticos. Sua tradução para diferentes idiomas permite que a história de amor trágica e os temas universais de conflito, amor proibido e destino sejam acessíveis a

públicos diversos. Com base nessa relevância cultural e literária, é fundamental investigar como os tradutores enfrentam o desafio de transmitir a essência dessa obra em diferentes línguas, como o português e o japonês, tendo em vista as diferenças culturais entre os idiomas trabalhados.

Durante as aulas, nossos estudos voltados aos teóricos da tradução nos levaram à Marianne Lederer, uma renomada teórica da tradução que desenvolveu os conceitos de correspondência e equivalência. Esses conceitos fornecem uma estrutura teórica sólida para examinar as abordagens dos tradutores ao lidar com as complexidades de *Romeu e Julieta*, sendo uma abordagem que evidencia justamente diversos empecilhos e peculiaridades sobre o processo tradutório, mostrando a sua complexidade. Este é um estudo que, feito sob este viés, pode ser uma contribuição para os estudos da tradução.

Objetivos

Com esta pesquisa busco me aprofundar mais na questão de diferenças linguísticas e culturais presentes entre os idiomas, tendo em vista que as línguas envolvidas na tradução de *Romeu e Julieta* - inglês, português e japonês - apresentam diferenças significativas em termos de estrutura gramatical, vocabulário e expressões idiomáticas, além das culturas de origem e de destino possuírem referências históricas, sociais e literárias distintas, podendo levar a dilemas quanto às escolhas tradutórias. Investigar como esses desafios são abordados pelos tradutores permitirá uma compreensão mais profunda das implicações de tais decisões na recepção e compreensão da obra traduzida. Poderemos perceber também em que medida os processos de tradução dos diferentes tradutores das versões estão distanciados ou próximos no que tange aos princípios de equivalência e correspondência apresentados por Lederer (2003).

Esta análise comparativa contribuirá para o campo da tradução, fornecendo uma visão sobre os conceitos de correspondência e equivalência de Lederer e sua aplicabilidade na prática. Além disso, ao examinar as estratégias adotadas nas traduções de *Romeu e Julieta* para o português e o japonês, este trabalho poderá servir de referência para tradutores, estudantes de tradução e pesquisadores interessados em como enfrentar os desafios específicos ao traduzir peças literárias clássicas.

Referencial Teórico

Este trabalho utiliza como referencial teórico para a análise dos excertos que serão objeto deste estudo os conceitos de Correspondência e Equivalência, sob a ótica da Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens), explicitados na obra *The Interpretive Model*, de autoria de Marianne Lederer (2003).

Corpus da Pesquisa

O material sob escrutínio, ou seja, o *corpus* da pesquisa será constituído por segmentos obra de William Shakespeare, *Romeo and Juliet*, em sua edição de 1965 da editora Longman, e de suas traduções para o português por Ana Amélia de Mendonça e Barbara Heliodora de 2015, pela editora Nova Fronteira, e para o japonês por Yoshio Nakano de 1951, pela editora Shinchosa. Os segmentos serão cotejados e analisados à luz do pensamento de Marianne Lederer e de suas considerações sobre equivalência e correspondência, princípios esses que subjazem aos procedimentos tradutórios nos diferentes casos.

A versão escolhida de “*Romeo & Juliet*” foi a versão da editora Longman em sua edição de 1965 que é uma versão da peça voltada para estudantes, sendo um livro que conta com uma introdução extensa, cheia de apontamentos e explicações sobre cada peculiaridade encontrada na peça, a fim de fornecer ao leitor um panorama mais nítido de toda a história para alcançar uma melhor de compreensão. Ela conta também com uma série de notas de rodapé que revelam a complexidade da linguagem shakespeariana, além de um glossário extenso e completo ao fim do livro. Este livro contém todas as ferramentas necessárias para se atingir um maior nível de entendimento sobre a peça, sendo a ferramenta de análise perfeita para esta pesquisa.

A tradução escolhida para o português foi uma edição de 2015 traduzida por Amélia de Queiroz C. de Mendonça e sua filha, Barbara Heliodora, publicada pela editora Nova Fronteira. Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça foi uma poetisa brasileira que atuou no Rio de Janeiro, nascida em 1896 e falecida em 1971. Além de ser reconhecida por sua poesia, ela foi uma tradutora e feminista engajada, tendo seus trabalhos publicados em importantes jornais do Brasil. Além de suas atividades sociais e políticas, ela se dedicou à tradução de poemas do inglês, francês e alemão, incluindo duas peças de William Shakespeare. Sua atuação diversificada e dedicada deixou um legado significativo no campo da poesia, tradução e ativismo pelos direitos femininos.

Barbara Heliodora Lacerda é uma importante figura no campo do teatro e da literatura no Brasil. Nascida no Rio de Janeiro em 1923 e falecida em 2015, Barbara foi uma renomada crítica teatral, professora, tradutora e pesquisadora, sendo uma das maiores autoridades brasileiras em William Shakespeare. Ela dedicou sua vida ao estudo e à divulgação das obras de Shakespeare, traduzindo várias de suas peças para o português, o tornando ainda mais acessível ao público brasileiro. Sua trajetória e contribuições para o teatro e a literatura lhe renderam diversos prêmios e reconhecimentos ao longo de sua vida, sendo lembrada como uma das maiores personalidades da crítica teatral no Brasil e uma das principais responsáveis por disseminar e valorizar o legado de Shakespeare no país.

A tradução escolhida para o japonês feita por Yoshio Nakano, uma edição de 1951 publicada pela editora japonesa Shinchosa. Yoshio Nakano, nascido na cidade de Matsuyama na província de Ehime em 1903 e falecido em 1985, foi um renomado estudioso e crítico japonês especializado em inglês. Ele foi mestre tradutor de literatura inglesa e americana, ocupando posições de destaque como professor nas Universidades de Tóquio e Chuo ao longo de sua carreira. Realizou traduções de diversos autores clássicos como Jane Austen, Dickens, W. Somerset Maugham e Edgar Allan Poe para o japonês, e de 1948 em diante passou a trabalhar com os textos shakespearianos, traduzindo diversas peças como *O Mercador de Veneza*, *Júlio César* e a peça que será trabalhada nesta pesquisa, *Romeu e Julieta*.

Metodologia

Para a realização desta análise, foi conduzida uma minuciosa leitura dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Como referido anteriormente, o *corpus* consiste em trechos selecionados da obra *Romeu e Julieta*, escrita por William Shakespeare, e suas respectivas traduções para o português, realizadas por Amélia de Queiroz C. de Mendonça e Barbara Heliodora, e para o japonês, por Yoshio Nakano. A metodologia adotada baseia-se na leitura detalhada e crítica do material, seguida de uma análise dos procedimentos tradutórios à luz dos conceitos de equivalência e correspondência, presentes na Teoria Interpretativa da Tradução, e detalhados por Lederer (2003). A pesquisa inclui uma revisão do referencial teórico e uma cuidadosa análise comparativa dos elementos presentes no corpus.

Por fim, o estudo busca chegar a conclusões preliminares, porém sólidas, destacando os mecanismos utilizados e as soluções encontradas pelos tradutores para suas respectivas línguas,

fazendo apontamentos para futuros estudos com temáticas semelhantes, a fim de enriquecer ainda mais o campo da tradução literária.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, exploraremos os conceitos fundamentais de **equivalência** e **correspondência** na tradução, sob a perspectiva da Escola de Paris, capitaneada por Danica Seleskovitch e Marianne Lederer, proponentes da Teoria Interpretativa da Tradução.

A base conceitual deste Trabalho de Conclusão de Curso, como já mencionado, advém da obra de Lederer (2003) *Translation: The Interpretive Model*¹. Ao mergulharmos nesses conceitos-chave, seremos capazes de compreender melhor as complexidades envolvidas no processo de tradução da obra clássica *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, analisando em quais aspectos os conceitos de Lederer podem ser aplicados a segmentos escolhidos de traduções dessa obra para as línguas portuguesa e japonesa.

1.1 Equivalência e Correspondência

Segundo Lederer (2003), no início de seu capítulo sobre equivalência e correspondência, uma tradução é bem-sucedida quando não contém erros de linguagem ou erros de método. Ela segue afirmando que todos podemos identificar erros de linguagem; no entanto, os erros de método podem ser identificados principalmente pela presença de muitas correspondências na tradução de um texto. A ausência de erros é o padrão mínimo que pode ser estabelecido para lidar com uma tradução, visto que abaixo deste padrão não estaríamos lidando com a tradução propriamente dita.

No começo de sua abordagem sobre equivalência e correspondência, Lederer explica de maneira sucinta que [...] *a tradução interpretativa é feita de equivalências e a tradução linguística, de correspondências* (LEDERER, 2003, pag. 44). Ao decorrer deste capítulo iremos nos aprofundar nesses conceitos.

¹ LEDERER, M. *Translation: The interpretive Model*, 2003.

1.2 Abordagens no processo tradutório

Existem duas abordagens distintas na tradução: a tradução por equivalência e a tradução que busca correspondências para preservar o significado enquanto os significantes são modificados. As traduções podem variar significativamente dependendo do processo adotado: há aqueles que desejam mapear o processo que ocorre desde o berço do sentido até a sua reexpressão pelo tradutor bem treinado, utilizando suas descobertas para desenvolver uma teoria interpretativa; e há aqueles que se apegam ao idioma de origem e procuram construir uma teoria comparando os significados dos signos linguísticos.

Na abordagem interpretativa da tradução, o objetivo é expressar o sentido do texto original na língua alvo, mesmo que isso envolva modificar a forma escrita para torná-la mais compreensível na cultura alvo, priorizando sempre o sentido. Por outro lado, há casos em que palavras e seus significados do idioma original são mantidos na língua alvo, exigindo uma correspondência. Essas palavras podem ser escolhidas deliberadamente, enumeradas em listas, ou podem ser termos técnicos com referentes específicos que devem ser utilizados em suas traduções.

1.3 O que é equivalência?

De acordo com Lederer, a equivalência ocorre quando o sentido expressado na língua de origem é preservado, mesmo que as palavras utilizadas na língua alvo não correspondam entre si, ou seja, numa tradução por equivalência busca-se manter o sentido da mensagem original em essência, fazendo mudanças na forma de expressão para transmitir esse sentido na língua de chegada.

1.3.1 A tradução por equivalência

Um estudo realizado pela Escola Superior de Intérpretes e Tradutores (ESIT) teve como objetivo comprovar que a tradução feita com a utilização de equivalentes é geralmente válida para qualquer língua ou tipo de texto. A tradução por equivalência apresenta diversos aspectos analisados a seguir.

1.3.2 Equivalência cognitiva

A equivalência cognitiva é observada quando o tradutor compreende o conteúdo do texto com base em seu próprio conhecimento, e então o reexpressa na tradução para a língua alvo, levando em consideração o que captou. A equivalência cognitiva é alcançada quando o sentido do texto é apreendido pela carga de conhecimento e experiência do tradutor.

A tradução não deve ser uma mera correspondência literal, mas sim uma equivalência que leve em consideração o contexto para que sejam feitos os devidos ajustes na tradução. O sentido entre os textos deve ser preservado. À medida que as línguas se tornam mais distantes, torna-se mais difícil de encontrar correspondências lexicais e sintáticas entre elas. Quando o que está sendo designado no texto é real e concreto, algo não imaginário, o tradutor se baseia em seu conhecimento sobre essa realidade para expressá-lo adequadamente.

1.3.3 Equivalência afetiva

A equivalência afetiva é observada quando o tradutor compreende o conteúdo do texto por meio das emoções despertadas por ele e nele próprio, e reexpressa esse conteúdo de acordo com esses sentimentos.

A título de exemplificação, Lederer (2003) analisa um trecho da obra *Cannery Row* de John Steinbeck e explica que o texto não teria sido bem traduzido se a tradutora não tivesse ido além da dimensão ficcional do texto, adentrando a sua realidade extralinguística, e conectando-se emocionalmente a ele. Essa conexão emocional permitiu que a tradutora transcendesse a língua e compreendesse a intenção do autor. Ao ser inspirada pela visualização e pelos sentimentos evocados pela língua, por seu significado e pelo estilo do texto original, os quais não estavam intrinsecamente contidos nele, a tradutora pôde reexpressar o texto de forma a transmitir essa mesma experiência emocional.

Ao vivenciar tanto o componente cognitivo quanto o afetivo do texto como uma totalidade indivisível, a tradutora foi capaz de utilizar o seu talento para reexpressar o todo do texto original na mesma medida. Assim, pode ser observada a tradução por equivalência.

Por um lado, a obtenção da equivalência é o resultado de um método racional, no qual os tradutores se esforçam conscientemente para ver e sentir, e por outro, da intuição, que desempenha um papel fundamental para expressar o que foi percebido e sentido durante esse processo. Assim, é possível que os pensamentos do autor sejam transformados e transmitidos.

Lederer (2003) ressalta que embora todas as traduções possuam termos ou palavras correspondentes, a essência é que uma tradução só pode realmente se tornar um texto por meio da criação de equivalências.

Conforme apontado pela referida autora, a análise feita do método de tradução por equivalência oferece um valioso panorama sobre como os tradutores efetivamente lidam com um texto.

1.3.4 A natureza global da equivalência

No processo de leitura, Lederer (2003) aponta que não compreendemos as palavras de forma isolada, mas sim como um conjunto ou segmento que carrega sentido, denominado **unidade de sentido**.

A unidade de sentido é a unidade fundamental de tradução, sendo a menor parte de um texto para a qual um equivalente pode ser estabelecido. Identificá-la no texto escrito apresenta certa dificuldade, uma vez que o texto é fixo e os olhos do leitor movem-se livremente por suas palavras; portanto, torna-se mais complicado captar exatamente quais são os trechos que constituem as unidades de sentido. No entanto, uma análise comparativa entre o texto original e sua tradução revela equivalentes que confirmam que os tradutores compreendem um texto como um todo, ao invés de abordá-lo palavra por palavra. Além disso, essa análise demonstra que as unidades de sentido podem ser representações mentais geradas pela própria escrita. O tradutor tem a capacidade de visualizar o que está escrito no texto original e transmiti-lo de tal maneira que os leitores na língua de chegada sejam capazes de enxergar essa representação mental.

Tendo em vista que as unidades de sentido não são tão facilmente identificadas quanto as unidades de correspondência, precisamos prestar atenção às suas características ao distingui-las. Lembremos que as unidades de sentido não possuem um tamanho específico definido. Além disso, o que está linguisticamente implícito e não-verbalmente explícito acabam se juntando e formando uma única unidade de sentido. Nenhuma ideia é completamente explícita em seus mínimos detalhes, já que dependemos do receptor para ajustar o nível de explicitação com base no grau de compreensão esperado dele (observando o grau do texto: se ele se volta para leigos ou especialistas de determinada área). Ainda no âmbito do implícito e do explícito, temos que levar em consideração que compreender um texto vai além do que está explicitamente

apresentado, já que, como dito antes, o implícito e o explícito acabam se juntando, formando uma só unidade. Além disso, as línguas não possuem uma estrutura explícita idêntica para a mesma unidade de sentido, podendo ser observado em traduções de textos.

Por fim, a base linguística de uma unidade de sentido e seu significado no geral é apenas uma parte do todo, podendo ser comparada a uma sinédoque. É necessária a participação do receptor, aplicando seu conhecimento para compreender a unidade de sentido em questão.

1.3.5 Idiomaticidade e criação de equivalentes

Nesta parte de sua obra, Lederer aborda o conceito do "espírito de uma língua" se referindo a idiomaticidade de uma língua. Isso diz respeito ao uso intuitivo que permite a um falante nativo do inglês, por exemplo, reconhecer quando algo não é inglês ou não é expresso de forma genuinamente inglesa. De forma semelhante, os alemães falam sobre "the feel of the language" (Sprachgefühl), a sensação da língua, descrevendo a sensação intrínseca que envolve o seu uso.

A palavra "espírito" sugere a existência de regras não escritas que guiam a criação de frases e a estruturação de um texto, as quais falantes nativos são capazes de lidar intuitivamente, respeitando essas regras sem perder a liberdade estilística. Essas regras garantem a conexão entre o significado e o significante, bem como entre os traços relevantes que fazem a ideia transparecer, mas não impedem a criação de equivalentes. Embora as sinédoques equivalentes sejam construídas de maneiras diferentes, elas ainda estabelecem uma conexão entre a ideia e a fala, permitindo uma compreensão espontânea das ideias por meio da percepção das palavras.

O conhecimento intuitivo de uma língua tem sido utilizado por tradutores para reexpressar o texto original. Lederer afirma que há uma relação direta entre a idiomaticidade de uma tradução e sua fidelidade. Os tradutores que buscam reproduzir o máximo de correspondências disponíveis tendem a transformar o que estava escrito de forma idiomática no texto original, em uma linguagem sem sentido, repleta de jargões.

Uma vez que cada língua possui sua própria atmosfera, uma tradução de qualidade só é alcançada quando se consegue transcender essa atmosfera e se expressar de forma livre na língua de destino. Isso requer a habilidade de escapar das amarras linguísticas e se adaptar ao idioma de chegada de forma adequada.

Mesmo que haja ocasionais correspondências corretas, um tradutor não pode permanecer fiel ao autor ao se limitar à sua língua, pois cada autor escreve em sua própria língua, possibilitando que os textos fiquem estilisticamente nivelados. Os tradutores precisam se expressar de maneira compreensível em sua própria língua, utilizando seu talento para transmitir as ideias do texto de origem. Um texto escrito no "espírito" de uma língua demanda um texto equivalente no "espírito" da outra língua. Respeitar o espírito da língua não significa ficar restrito a essa língua. No entanto, a criatividade individual do tradutor precisa operar dentro dessas normas. Os tradutores geralmente escolhem formas e expressões com as quais têm afinidade, seleções que podem coincidir com as do autor sem imitar submissamente as suas formas.

Por fim, Lederer argumenta que no contexto do espírito de uma língua, é possível realizar intervenções individuais do próprio tradutor, desde que os falantes nativos reconheçam o texto traduzido como tendo sido escrito em sua própria língua, enfatizando a importância da naturalidade da linguagem de texto que foi traduzido para outras línguas.

1.3.6 A avaliação da equivalência

Como podemos avaliar a equivalência de uma tradução em relação ao texto original quando nem as palavras nem as estruturas gramaticais correspondem? Qual critério nos permite determinar se uma tradução é de qualidade?

Lederer (2003) destaca que Koller (1979), em *Introduction to translation studies* (KOLLER, 1979, apud LEDERER, 2003), busca organizar alguns critérios relacionados à equivalência, analisando as abordagens de diversos estudiosos, como Catford, Nida e Taber, Wills e Jäger. Essas abordagens incluem conceitos como equivalência de conteúdo ou conteúdo invariável, equivalência formal, equivalência textual, equivalência comunicativa e equivalência e efeito.

Koller realiza uma análise dos elementos necessários para alcançar a equivalência de maneira geral e estabelece cinco categorias fundamentais:

- Uma tradução deve transmitir a informação presente no texto original em relação à realidade extralinguística, buscando uma "equivalência denotativa" (*denotative äquivalenz*, Koller);

- A tradução precisa respeitar o estilo do texto original, como seu registro linguístico, socioleto e expressões específicas de determinadas regiões, visando uma "equivalência conotativa" (*konnotative äquivalenz*, Koller);
- A tradução deve estar em conformidade com o gênero textual do original, buscando uma "equivalência normativa" (*textnormative äquivalenz*);
- A tradução precisa ser adaptada ao conhecimento do leitor para garantir sua compreensão, buscando uma "equivalência pragmática" (*pragmatische äquivalenz*);
- A forma da tradução deve produzir o mesmo efeito que o original, visando uma "equivalência estética formal" (*formal-ästhetische äquivalenz*).

Ao avaliar a equivalência de uma tradução, seja de forma consciente ou intuitiva, é essencial levar em consideração os critérios mencionados anteriormente. No entanto, é importante ressaltar que esses critérios não devem ser encarados como métodos de tradução, já que o processo de tradução não pode ser aprendido simplesmente ao estudar as categorias propostas por Koller. Os tradutores são inspirados, impulsionados pela compreensão, percepção e sentimentos que obtiveram da obra original, sendo-lhes concedida a liberdade de traduzir. Para avaliar seu trabalho, eles podem recorrer aos critérios estabelecidos por Koller, até certo nível, como uma referência para verificar a equivalência alcançada.

1.4 O que é correspondência?

Enquanto a equivalência diz respeito à relação entre textos como um todo, a correspondência refere-se à relação entre elementos linguísticos, como palavras, sintagmas e expressões estabelecidas, ou formas sintáticas dentro de um texto.

Uma tradução bem-sucedida deve almejar uma equivalência geral entre o texto de origem e de chegada, fazendo o uso de correspondências com moderação, uma vez que seu uso excessivo pode comprometer a obtenção de equivalência, resultando em uma tradução de baixa qualidade.

A falta de clareza ao utilizar o método de correspondência torna-se mais evidente em traduções simultâneas, nas quais a fluência oral não permite pausas para reflexão ou voltar à frase anterior, resultando em uma tradução completamente ineficiente. Isso pode levar a uma

sensação desagradável e de incompreensão. Embora esse aspecto não seja tão perceptível na tradução escrita, o uso excessivo de correspondência pode prejudicar a fluidez da leitura.

Estabelecer correspondências entre duas línguas constitui o primeiro nível da tradução. Essa abordagem pode ser útil para a aprendizagem ou para compreender palavras ou frases isoladas, porém é totalmente inadequada para a tradução de textos completos. Essa percepção é um consenso entre tradutores e intérpretes, os quais buscam alcançar a equivalência entre os textos por meio de uma abordagem de natureza cognitiva ou afetiva. Essa busca pela equivalência é essencial para produzir uma tradução de qualidade.

1.4.1 A questão da polissemia e a delimitação do sentido pretendido

Muitos teóricos da tradução levantam questionamentos em relação à existência da polissemia intrínseca das palavras. Enquanto algumas línguas possuem palavras que possuem apenas um sentido (sema), em outras línguas o mesmo sentido pode ser expresso por várias palavras, dependendo do contexto, por isso, a polissemia. Um exemplo descrito por Lederer é o da palavra “*you*” em inglês que pode ser traduzido como “*tu*” ou “*vous*” em francês.

Devido a essa variação, durante o processo de tradução pode ocorrer o que Coseriu (1981b: 192) chama de “polissemia contrastiva”, o que proporciona ao tradutor a possibilidade de escolher entre diferentes termos na língua de chegada. Ao traduzir um texto, o significado de certas palavras acaba sendo revelado pelo contexto em que estão inseridas.

Lederer então nos apresenta a definição de François (1968: 277) que descreve um fenômeno conhecido como “atualização”, sendo esta a “*passagem do significado indeterminado de unidades isoladas para o significado preciso que elas têm em uma mensagem específica*”. Em certos contextos, uma palavra é “atualizada” ou “realizada” de uma maneira que impossibilita o uso de seu correspondente na língua de chegada. Os tradutores estabelecem correspondências entre palavras somente após elas terem sido “atualizadas” pelo texto, ou seja, quando foram colocadas em contexto.

É fundamental distinguir correspondências *a priori*, que existem independentemente do contexto, daquelas que são estabelecidas ao longo do processo de tradução. Isso é de grande importância ao discutir sobre tradução, pois correspondências podem ser tanto fatos linguísticos preexistentes quanto surgir a partir da “atualização” de aspectos da realidade extralinguística em um texto, expressos por palavras correspondentes

Observa-se que a tradução de textos por equivalência é a regra, mas, de acordo com esse princípio, algumas correspondências podem ser encontradas conforme a necessidade.

1.4.2 A correspondência e a equivalência no trânsito tradutório

No âmbito da correspondência, Lederer (2003) também discute as várias formas de tradução por correspondência, compreendendo três abordagens distintas:

- Tradução palavra por palavra ou interlinear: consiste em traduzir cada palavra de forma isolada, sem levar em conta o contexto global do texto;
- Traduções ao pé da letra de uma palavra, colocação ou expressão em outra língua: enfatiza a transposição exata de elementos linguísticos, sem considerar nuances culturais ou particularidades do idioma de chegada;
- Tradução de frases sem considerar o contexto em que estão inseridas: essa abordagem negligencia o contexto imediato e não leva em conta as informações e relações presentes no texto-fonte, resultando em uma tradução potencialmente descontextualizada.

Lederer argumenta que a tradução puramente linguística não deve ser aplicada no âmbito dos textos, uma vez que a reexpressão do sentido, na grande maioria dos casos, só pode ser alcançada por meio da equivalência da forma.

Alguns problemas enfrentados por pessoas que lidam com as palavras apenas no âmbito linguístico incluem:

- **Palavras que não podem ser transcodificadas e são, portanto, consideradas “intraduzíveis”:**

Vários teóricos discutiram a intraduzibilidade de palavras sem correspondentes em outras línguas. Realmente, qualquer palavra isolada é “intraduzível”. Hegel afirma que é impossível traduzir substituindo uma palavra por outra, uma vez que o conceito de uma nunca é completamente transmitido pela outra. Isso é real para signos isolados. Línguas desenvolvidas independentemente não possuem a mesma estrutura: os conceitos são classificados de forma distinta e as palavras têm cargas afetivas distintas.

No entanto, é possível transmitir ideias e emoções entre línguas, independentemente das palavras utilizadas no texto original. Para o tradutor, não é essencial saber se as palavras correspondem ou não em outras línguas. Muitas vezes, pessoas não envolvidas na tradução

desconhecem que a maioria das palavras nos textos não mantém o significado completo que possuem isoladamente.

O termo "intraduzível" descreve palavras sem uma tradução única. Porém, tudo é traduzível em textos, uma vez que as palavras são "atualizadas" e combinadas de maneira a permitir sua reexpressão.

Pode-se afirmar que uma tradução de qualidade capta tanto o aspecto emocional quanto o aspecto conceitual (a compreensão subjacente). Os textos são traduzidos reexpressando as unidades de sentido, considerando o significado "atualizado" das palavras e seu contexto.

De acordo com Pergnier (1978: 466, apud LEDERER, 2003:54)

A tradução **não consiste em transformar um sistema de uma língua em outro, e sim em transcender sistemas divergentes para comunicar uma mensagem única**. Essa mensagem não pertence à língua original, ela meramente a usa. Consequentemente, os obstáculos para a tradução não são encontrados na convergência ou divergência de línguas, mas na possibilidade ou impossibilidade de achar formulações equivalentes para o sentido de certas mensagens. (grifo e tradução nossos).²

- **Brechas lexicais, perda e ganho:**

Brechas lexicais são palavras "intraduzíveis" na língua alvo, apresentando uma falta de correspondência entre as línguas em contraste com o tópico anterior. O principal é que, em ambos os casos, há uma falta de correspondência entre as línguas. Contudo, a ausência de uma correspondência única em um texto é incomum, e além disso, essas brechas são superadas quando a ideia é reformulada.

Delisle (apud LEDERER, 2003, P.75) criticou o método de substituição de palavras em vez de reformular a frase. A falta de correspondência pode levar não tradutores a transferirem diretamente uma palavra entre línguas. Contudo, por meio do conteúdo de um texto, os tradutores percebem várias maneiras de expressar algo através de um equivalente.

Brechas lexicais são relevantes, especialmente em relação a objetos ou costumes ausentes na cultura da língua de destino. Então, os desafios se tornam diferenças culturais. Antes de procurar uma palavra correspondente, é importante considerar soluções como o uso de "*loanwords*", ou empréstimos linguísticos, ou incluir explicações adicionais por notas do

² No original: Translation does not consist of transforming one language system into another, but of transcending divergent systems to communicate a unique message. This message does not belong to the original language but merely uses it. Consequently, the obstacles to translation are not found in the convergence or divergence of languages but in the possibility or impossibility of finding equivalent formulations for the sense of particular messages.¹⁵ (translated)

tradutor. Abordagens criativas são necessárias para superar limitações lexicais e garantir uma tradução adequada e compreensível.

A ideia de ganho e perda na tradução diz respeito à impossibilidade de uma palavra conter toda a amplitude semântica de uma palavra, resultando numa perda na tradução. Por outro lado, ao escolher um único significado da palavra original, há ganho em precisão. Isso se torna um problema quando a tradução é feita fora de contexto, mas em um texto é possível determinar o sentido específico de uma palavra ou expressão, permitindo que diferentes soluções sejam exploradas. Segundo Vinay e Dalbènet (LEDERER, 2003, p.77), um bom tradutor traduz não apenas palavras, mas também o pensamento por trás delas, utilizando o contexto para isso. Assim, o tradutor captura o sentido desejado e garante uma tradução adequada.

Como a concepção completa de cada palavra individual não é totalmente evidente num texto, já que apenas uma parte de cada palavra é "atualizada" dentro do contexto, realmente há uma perda no nível das palavras isoladas, mas não no nível do texto como um todo. A precisão alcançada por meio da "atualização" está intrinsecamente ligada ao conhecimento do contexto. É por meio disso que o tradutor pode escolher as palavras adequadas para transmitir a mensagem desejada.

Os conceitos de brechas lexicais e perda vêm da abordagem linguística da tradução. Contudo, essa abordagem se recusa a reconhecer que, em diferentes partes do texto, as palavras devem ser traduzidas conforme seu referente, e não apenas seu significado isolado. Isso ressalta a importância de considerar o contexto e o referente na tradução, garantindo uma correspondência adequada entre os elementos linguísticos no texto original e no texto traduzido.

1.5 O explícito ou sinédoque

Lederer inicia este tópico dizendo que todo texto é composto por uma parte explícita suficientemente curta, e uma implícita suficientemente óbvia. A sinédoque é uma figura de linguagem em que uma parte representa o todo, sendo ela a parte explícita do sentido. Nos textos há várias sinédoques que se referem sempre a entidades maiores que elas mesmas.

Sinédoques podem ocorrer no nível das palavras, quando uma palavra representa um objeto, tendo a mesma referência, mas usando partes explícitas diferentes. Elas também ocorrem com provérbios com sentidos semelhantes ou idênticos, os quais dificilmente serão

expressos da mesma forma em línguas diferentes. As diferentes formulações utilizadas em línguas diferentes para transmitir sentidos iguais revelam a falta de semelhança entre as ideias e as expressões linguísticas. O aspecto explícito de um texto, que tem um sentido específico em uma língua, geralmente não é o mesmo em outra língua.

A sinédoque é um fenômeno do discurso, indo além dos níveis da língua e do texto, que envolve intervenções estilísticas. Pensamentos, emoções e fatos não são expressos de maneira idêntica em diferentes línguas. Para palavras e expressões definidas, é necessário estabelecer uma correspondência entre as sinédoques em duas línguas, já entre os textos, devem ser criados equivalentes. Para evitar uma correspondência palavra por palavra e encontrar uma expressão na língua-alvo que transmita uma ideia, fato ou emoção semelhante a língua original, é importante compreender que:

- A forma material do texto é mais uma indicação do que uma descrição. A maioria das declarações num texto fornecem apenas uma característica de uma ideia para transmiti-la como um todo;
- Cada língua escolhe traços diferentes para se referir a objetos, conceitos ou características específicas de ideias, destacando a importância desse fenômeno na tradução, explicando o porquê de a tradução não poder operar apenas no nível da língua, mas também no nível do sentido.

Os tradutores têm liberdade de criar sinédoques em suas traduções, assim como são usadas nas obras originais, sendo especialmente necessário em línguas distantes e também observado em línguas próximas. Manter uma sinédoque do texto original leva a um resultado insatisfatório, num esforço impossível de ser literal. É preferível adequar-se ao espírito da língua-alvo.

Para que uma tradução seja compreendida pelo destinatário, lembrar que a tradução é uma forma de comunicação. Quando temos algo a dizer, nos expressamos de forma clara para sermos entendidos por todos. O sentido é individual, mas as formas são sociais.

No texto original, o aspecto explícito é adaptado ao conhecimento do leitor, assim como deve ser na tradução, criando um equilíbrio entre o explícito (sinédoque) e o implícito (o todo) e refletindo as normas da língua-alvo, junto com a criatividade do tradutor.

Sendo assim, os tradutores enfrentam um desafio duplo: compreender todos os detalhes do texto para captar o sentido e encontrar uma sinédoque na língua-alvo que represente o mesmo "todo" afetivo/cognitivo para criar um equivalente.

1.6 Palavras escolhidas deliberadamente

Em determinados contextos textuais, como textos legais, escrituras, contratos, tratados, poesia, literatura e discursos políticos, as palavras são selecionadas de forma cuidadosa, possuindo um significado e peso invariantes, independentemente do contexto. Nesses casos, a escolha das palavras não é aleatória e, portanto, devem ser traduzidas com base no significado do próprio idioma, em vez de se referirem a algo específico.

1.7 Fidelidade e liberdade

Qual é a abordagem mais adequada para o tradutor: fidelidade ou liberdade? Na realidade, não há uma única alternativa, pois tanto a fidelidade quanto a liberdade são buscadas nas traduções como um todo, e todas as traduções oscilam entre correspondências (fidelidade à forma) e equivalências (liberdade da forma).

No que diz respeito à liberdade em relação ao contexto de um texto, a tradução não pode ser completamente livre. Quando se busca equivalentes, isso não significa que se deva tomar liberdades em relação ao que o autor originalmente quis dizer. No entanto, restringir completamente a liberdade do tradutor leva a outro extremo. A literalidade de um texto pode resultar em uma tradução cheia de "estrangeirismos", onde alguns conceitos são explicados ao pé da letra. Ser fiel à língua do autor não significa ser fiel ao autor (traduzindo tudo que ele diz literalmente).

No estudo sobre a fidelidade na tradução realizado por Hurtado (1990: 118, apud LEDERER), são definidos três conceitos que estão relacionados a três critérios: a intenção do autor, a língua de tradução e o leitor. Se uma tradução for fiel apenas a um desses aspectos, ela não será capaz de transmitir fielmente o sentido. Essas condições dão ao tradutor uma certa liberdade em relação à forma do texto.

Essa liberdade em relação à forma do texto é aplicável a todos os tipos de tradução, mas pode ser mais evidente em traduções literárias, embora também se aplique a traduções técnicas,

variando apenas o grau de liberdade conforme o número de correspondências e equivalentes necessários.

No caso dos tradutores literários, essa liberdade está relacionada não apenas à forma do texto de origem, mas também ao efeito que essa forma produz. Eles têm a liberdade de produzir uma expressão espontânea na língua alvo, o que é ainda mais relevante para os tradutores de poesia, que lidam com uma linguagem subjetiva. Nesse caso, a liberdade é essencial para recriar o espírito da poesia.

No entanto, os tradutores não possuem a mesma liberdade em relação ao sentido. Eles devem recriar fielmente o efeito do texto no leitor.

As discussões em relação a priorizar a fidelidade ou a liberdade em traduções persistirão até que se compreenda que a tradução é uma totalidade que requer um pouco dos dois aspectos, assim como a dualidade entre equivalência e correspondência de todas as boas traduções. Correspondência e equivalência estão intrinsecamente ligadas no processo de tradução e nenhuma delas predomina completamente sobre a outra.

A fidelidade visa preservar o sentido e a intenção do texto original na tradução, enquanto a liberdade permite que o tradutor adapte a forma e o estilo na língua de chegada, criando um texto mais natural e compreensível para os leitores. Portanto, é necessário encontrar um equilíbrio entre fidelidade e liberdade, reconhecendo que ambos os aspectos desempenham um papel fundamental na obtenção de uma tradução eficaz.

CAPÍTULO 2 - OS AUTORES E A OBRA

2.1 Ana de Mendonça e Barbara Heliodora, as tradutoras para o português brasileiro

A seguir, apresento uma breve visão das vidas das tradutoras Ana de Mendonça e Barbara Heliodora, cujo trabalho de tradução proporcionou um material de observação de alta qualidade para a realização deste estudo.

2.1.1 Ana Amélia de Mendonça

Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, nascida em 17 de agosto de 1896, no Rio de Janeiro, foi uma figura notável na cultura brasileira do século XX. Além de suas

contribuições como poetisa e tradutora, ela desempenhou um papel significativo na luta pelos direitos das mulheres e em diversas iniciativas sociais.

Ana cresceu no ambiente cosmopolita do Rio de Janeiro do início do século XX, mas sua educação também incluiu influências internacionais. Ela foi educada por preceptoras brasileiras, inglesas e alemãs, o que contribuiu para sua ampla visão de mundo e sua habilidade com idiomas. Desde cedo, Ana demonstrou um compromisso com a igualdade de gênero. Ela se envolveu em atividades em prol dos direitos das mulheres e foi parte ativa da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Ela ajudou a fundar a Casa do Estudante do Brasil, junto com Pascoal Carlos Magno, e foi uma das pioneiras na criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), onde foi eleita como a primeira presidente. Seu envolvimento nessas organizações demonstra seu compromisso com a educação e o empoderamento dos jovens deixando assim sua marca na educação e na cultura.

Como poetisa, Ana publicou seus poemas e crônicas em jornais de destaque no Brasil. Seus escritos eram apreciados pela profundidade e sensibilidade com que abordava temas diversos. Além disso, sua paixão pela tradução a levou a traduzir poemas do inglês, francês e alemão, incluindo duas peças de William Shakespeare. Esse trabalho contribuiu para a disseminação da literatura internacional no Brasil.

Ana casou-se com Marcos Carneiro de Mendonça, um goleiro da seleção brasileira e do Fluminense FC, além de historiador. Juntos, tiveram três filhos, sendo a mais nova deles a renomada crítica teatral Bárbara Heliadora. A família Carneiro de Mendonça continuou a tradição intelectual e cultural de Ana, contribuindo significativamente para as artes e a literatura brasileira, assim deixando um legado duradouro.

2.1.2 Barbara Heliadora

Bárbara Heliadora Carneiro de Mendonça, nasceu no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1923 e deixou sua marca inapagável no mundo das artes e do teatro. Ela é lembrada não apenas como uma das figuras mais proeminentes da crítica teatral brasileira, mas também como uma tradutora habilidosa e uma autoridade na obra de William Shakespeare.

Filha mais nova do casal de intelectuais Ana Amélia e Marcos Carneiro de Mendonça, Barbara cresceu em um ambiente que valorizava a educação e o pensamento crítico, o que contribuiu para seu desenvolvimento intelectual e sua paixão pelo teatro. Sua carreira teatral

começou em 1958, quando, aos 35 anos, assumiu a posição de crítica teatral na Tribuna da Imprensa, jornal fundado em 1949 por Carlos Lacerda no Rio de Janeiro. Ela rapidamente ganhou reconhecimento graças à seriedade, ao rigor e à erudição de seus artigos. Durante esse período, assinou uma coluna especializada no Jornal do Brasil de 1958 a 1964 e se destacou como uma das líderes na modernização da crítica teatral no Rio de Janeiro, por meio do Círculo Independente de Críticos Teatrais. De 1964 a 1967, Barbara afastou-se da crítica para trabalhar na direção do Serviço Nacional de Teatro (SNT). Esse período de engajamento demonstra sua dedicação ao desenvolvimento das artes cênicas no Brasil em várias frentes.

Após sua passagem pelo SNT, Heliadora voltou-se para o ensino, tornando-se professora de história do teatro no Conservatório Nacional de Teatro e, posteriormente, professora titular da mesma disciplina no Centro de Letras e Artes da Uni-Rio. Ela exerceu esse cargo até sua aposentadoria, em 1985. Além disso, ministrou cursos de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), onde defendeu uma tese de doutorado intitulada "A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare," que mais tarde se tornou um livro.

Bárbara Heliadora também foi uma autora prolífica. Suas obras incluem "Falando de Shakespeare," "A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare," e "Martins Pena: uma introdução." Seus escritos não apenas ofereceram insights valiosos sobre o teatro e a obra de Shakespeare, mas também contribuíram para o enriquecimento do cenário literário brasileiro.

Ao longo de sua carreira, Bárbara Heliadora recebeu diversas honrarias, incluindo a Ordre des Arts et des Lettres do Ministério da Cultura da França e a medalha João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras, prêmios que refletem seu impacto duradouro no campo das artes. Bárbara era conhecida por sua personalidade franca e por suas críticas sem rodeios. Seu rigor ao avaliar o trabalho de diretores e atores a levou a debates acalorados com figuras proeminentes do teatro brasileiro, incluindo Aderbal Freire-Filho, Marília Pêra e Gerald Thomas. Sua paixão pelo teatro e sua integridade como crítica deixaram uma marca inapagável na cena teatral brasileira.

Bárbara Heliadora continuou a escrever e a ensinar até sua aposentadoria em 1985. Mesmo após deixar seu cargo de crítica teatral no jornal O Globo em 2014, sua influência perdura. Seu conhecimento e paixão pelo teatro inspiraram gerações de artistas, críticos e amantes das artes cênicas.

Bárbara Heliodora nos deixou em 10 de abril de 2015, aos 91 anos, após uma vida dedicada ao teatro e à cultura brasileira. Sua contribuição como crítica, professora, escritora e tradutora é um legado que continuará a influenciar e inspirar as futuras gerações de amantes do teatro e das letras no Brasil.

2.2 Yoshio Nakano, o tradutor para o japonês

Yoshio Nakano, um dos tradutores japoneses mais destacados da literatura inglesa e americana no século XX, deixou uma impressão duradoura na cena literária e acadêmica do Japão. Nascido em 2 de agosto de 1903, em Matsuyama, Província de Ehime, Nakano era um mestre na tradução de literatura inglesa e americana, se destacando pela ferocidade de suas traduções. A trajetória de Yoshio Nakano começou de forma modesta. Durante seus primeiros anos de educação secundária, ele se opôs ao rigor da educação espartana e abandonou os estudos. Posteriormente, ingressou em outro colégio. Na escola, fazia parte do clube de beisebol e sua paixão pelo esporte o conectou com Akira Shimada, que mais tarde se tornou o último governador da província de Okinawa antes da guerra. Após se formar na Escola Secundária Daisan, Nakano ingressou na Universidade Imperial de Tóquio, onde estudou literatura inglesa sob a orientação de Isamu Saito.

Após sua graduação em 1926, Nakano inicialmente não conseguiu entrar em uma empresa jornalística e foi designado como professor de inglês em uma escola secundária particular em Narita, Província de Chiba. Seu percurso acadêmico o levou a se tornar professor na Universidade de Tokyo Gakugei em 1929 e, a partir de 1932, na Escola Secundária de Mulheres de Tóquio. Sua personalidade cínica e teimosa tornou-o um professor peculiar, mas seus métodos de ensino marcaram uma geração de alunos.

Em 1945, aproveitando a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, Nakano entrou no campo dos comentários sociais. Em 1948, tornou-se professor na prestigiosa Universidade de Tóquio. Em 1949, Nakano participou do Diálogo sobre Questões de Paz, defendendo um tratado de paz completo. Em 1953, renunciou ao cargo na Universidade de Tóquio e tornou-se editor-chefe da revista Heiwa. Em meio ao boom econômico causado pela Guerra da Coreia, suas palavras sobre o "período pós-guerra" tornaram-se famosas. Yoshio Nakano também teve uma breve experiência como professor visitante na Universidade de Stanford em 1961-1962 e como professor de Literatura Inglesa na Faculdade de Letras da Universidade Chuo de 1965 a

1968. Sua paixão pela literatura e seu compromisso com questões sociais moldaram sua carreira acadêmica diversificada.

Além de suas atividades acadêmicas e sociais, Nakano se destacou como tradutor. Em 1976, ele iniciou a publicação da monumental obra "História do Declínio e Queda do Império Romano" de Edward Gibbon. Embora tenha falecido antes de concluí-la, seu ex-colega Natsuo Shumuta e seu filho mais velho, Yoshiyuki Nakano, continuaram a tradução, completando a obra em 11 volumes em 1993.

Yoshio Nakano deixou um legado duradouro no Japão, não apenas como um tradutor talentoso e crítico literário, mas também como um defensor apaixonado da paz, dos direitos constitucionais e das questões sociais. Sua personalidade única e suas contribuições multifacetadas para a academia e a sociedade japonesa continuam a ser lembradas e estudadas, servindo como inspiração para as gerações futuras.

CAPÍTULO 3 – A OBRA ORIGINAL E AS TRADUÇÕES: ANÁLISE COMPARATIVA DE TRECHOS SELECIONADOS

3.1 Preâmbulo

Nesta análise comparativa das traduções de trechos de *Romeu e Julieta* foram selecionados segmentos que apresentam estratégias tradutórias diversas, que serão discutidas mais abaixo, permitindo uma análise à luz dos conceitos fornecidos por Lederer (2003) que constituem o Capítulo 1 deste estudo.

A escolha dos segmentos buscou privilegiar amostras em que as questões abordadas por Lederer (2003) se apresentam de modo mais favorável e perceptível, permitindo examinar como os tradutores enfrentam os desafios linguísticos e culturais da obra.

Para apresentar e analisar esses segmentos, serão utilizadas tabelas que compilarão o texto original em inglês e suas traduções para o português e japonês, organizadas nas linhas das tabelas. Cada segmento focaliza, de modo especial, um ou mais dos conceitos de Lederer (2003) apresentados no Capítulo 1. No caso dos segmentos no idioma japonês, são apresentadas a

versão em caracteres japoneses (kanji³, hiragana⁴ e katakana⁵), sua transliteração em caracteres latinos e uma tradução literal para o português brasileiro para viabilizar a análise. Os detalhes em itálico, que precedem os segmentos em cada idioma, documentam a página onde podem ser acessados nas obras que constituem o *corpus* da pesquisa. Cada tradução será acompanhada por comentários abaixo de sua seção correspondente, seguidos de um comentário geral sobre o segmento como um todo, proporcionando uma breve análise das escolhas e estratégias adotadas pelos tradutores em cada versão.

3.2 Trechos selecionados de *Romeu e Julieta* e análise comparativa

SEGMENTO 1 - Tradução por Equivalência Cognitiva
INGLÊS <i>Page 14 act 1 scene 1 line 154</i> Romeo: Is the day so young?
Comentários: Após o conflito entre os Montéquios e Capuletos em praça pública, Benvólio e os Montéquios se juntam para se retirarem. A Sra. Montéquio pergunta se ele havia visto Romeu e, então, conversam sobre ele estar agindo de forma estranha, entristecido. Assim, Benvólio afirma que tentará descobrir o que há de errado com Romeu. Neste momento, Romeu entra em cena e eles se cumprimentam.
PORTUGUÊS <i>Pág. 22</i> Romeu: Inda é tão cedo?
Comentários: A ideia poética do “dia ser jovem” não foi passada do original para o texto em português, já que não se usa essa expressão no português e o significado da fala foi explicitado, mantendo o sentido.
JAPONÊS <i>Pág. 24</i> ロミオ: まだそんなに早いのかね? Mada son'nani hayainokane? [Tradução literal]

³ KANJI é um dos alfabetos japoneses. O kanji é um ideograma, ou seja, mais que representar um som, representa uma ideia ou conceito.

⁴ HIRAGANA é um dos alfabetos japoneses, sendo ele um silabário contendo todos os sons da língua japonesa. Ele é utilizado para as palavras que não possuem Kanjis correspondentes ou para aquelas em que o kanji existe, mas é raramente utilizado.

⁵ KATAKANA, alfabeto principalmente utilizado para escrever palavras provenientes de línguas estrangeiras.

<p>Romio: Ainda é tão cedo assim?</p>
<p>Comentários: A ideia de o “dia ser jovem” também não foi passada do original para o texto em japonês. O tradutor optou por explicitar a mensagem, mas mantendo o sentido de que ainda é cedo.</p>
<p>Comentário geral: Neste caso, é possível dizer que se trata de uma equivalência cognitiva, pois com seu próprio conhecimento, os tradutores compreenderam o significado subjacente na fala de Romeu, e transmitiram isso de forma coerente em sua língua de chegada, priorizando o significado ao invés da forma.</p>

<p>SEGMENTO 2 - Tradução por Equivalência Afetiva</p>
<p>INGLÊS <i>Page 69 act 2 scene 1 line 209-210</i> Juliet: Romeo! Romeo: Madam?</p>
<p>Comentários: Esta fala ocorre na cena da sacada, onde <i>Romeu e Julieta</i> se encontram após o baile e juram seu amor. Prestes a se despedirem, Julieta chama Romeu de volta de acordo com as falas acima.</p>
<p>PORTUGUÊS <i>Pág. 46</i> Julieta: Romeu! Romeu: O meu falcão!</p>
<p>Comentários: Na versão brasileira, foi escolhida a expressão “meu falcão” para Romeu se referir à fala de Julieta, pois anteriormente, ela comentara que “com a voz do falcoeiro” ela “laçava de volta o peregrino”, sendo este (falcão peregrino), Romeu. Ele responde dessa forma, atendendo ao seu chamado.</p>
<p>JAPONÊS <i>Pág. 84</i> ジュリエット: ロミオ様! Jurietto: Romio sama! ロミオ: 用ですか? Romio: Youdesuka? [Tradução literal] Jurietto: Senhor Romeu! Romio: O que deseja?</p>
<p>Comentários: Na versão japonesa, o tradutor optou por responder mais explicitamente para Julieta, querendo saber do que ela gostaria.</p>
<p>Comentário geral: Ambos os tradutores fizeram suas traduções presumivelmente através da sensação que a fala original lhes passava, mantendo o sentido, mas modificando a forma. Neste caso é possível dizer que este é um caso de equivalência cognitiva e afetiva.</p>

SEGMENTO 3 - Tradução por Correspondência
<p>INGLÊS <i>Page 61 act 2 scene 2 line 52</i> Romeo: It is my lady, O it is my love!</p>
<p>Comentários: Esta fala ocorre na cena da sacada, quando Romeu despista seus companheiros e foge, em seguida encontrando um jardim e avistando Julieta em sua sacada.</p>
<p>PORTUGUÊS <i>Pág. 41</i> Romeu: É a minha dama, oh, é o meu amor!</p>
<p>Comentários: A tradução para o português foi feita por correspondência, proferindo na língua de chegada as exatas palavras da língua de origem. Não houve contraste na passagem da fala para a língua portuguesa.</p>
<p>JAPONÊS <i>Pág. 73</i> ロミオ: おお、あれこそはわが姫、わが思い人だ! Oo, arekosowa wagahime, waga omoihitoda! [Tradução literal] Romio: Ó, aquela é minha dama, minha amada!</p>
<p>Comentários: A tradução para o japonês também é bastante fiel à forma e sintaxe do texto original, podendo ser considerada como uma tradução marcada pela correspondência. Outro aspecto a ser observado nesta tradução é a questão da polissemia, ou seja, a multiplicidade de sentidos de uma palavra. Na tradução para o japonês o termo “<i>hime</i>” (姫) pode ser traduzido como menina, princesa ou dama, dependendo do contexto em que se encontra, nos permitindo considerar isso como uma polissemia contrastiva “inversa” onde ao invés de termos uma palavra que proporciona a possibilidade de escolher entre diferentes termos na língua de chegada temos uma palavra que engloba uma gama de significados em si mesma, delimitando o seu sentido pretendido através do contexto em que está inserido. Outro aspecto a ser observado são as ferramentas que a língua japonesa possui para expressar ideias de outras línguas de forma genuinamente nativa, como com o termo “<i>omoihito</i>” (思い人). O termo tem como definição oficial do dicionário “a pessoa amada” ou “amante”, mas se for traduzido ao pé da letra, pode ser traduzido como “a pessoa que está no pensamento” (<i>omoi</i>: pensamento, <i>hito</i>: pessoa). É utilizada a ideia de uma pessoa que está no seu pensamento para descrever que esta é a pessoa amada, sendo assim, uma ótima escolha para a tradução. É possível perceber todas essas minúcias que demonstram a profundidade e a forma que a língua japonesa encontra para se expressar.</p>
<p>Comentário geral: Ambas as traduções foram fiéis ao texto de partida, demonstrando com êxito uma tradução por correspondência. Mesmo com um processo tradutório considerado tão simples, é possível perceber minúcias que vão além do que os olhos veem numa primeira leitura.</p>

SEGMENTO 4 - O Linguisticamente Implícito e Explícito, Perda e Ganho
<p>INGLÊS</p> <p>Page 53 act 1 scene 5 line 117-118</p> <p>Romeo:</p> <p>O dear account! My life is my foe's debt.</p>
<p>Comentários: Esta fala ocorre na cena do baile após o encontro entre <i>Romeu e Julieta</i>. Romeu pergunta para a ama de Julieta quem era a moça e, ao perceber que ela é não somente uma Capuleto, mas também filha de seu maior inimigo, ele lamenta ter acabado de se apaixonar por ela. Observe que Shakespeare faz uso de elementos imagéticos remetentes ao dinheiro ao utilizar as palavras “<i>account</i>” e “<i>debt</i>”, tornando esta fala uma única unidade de sentido que contém elementos de representações mentais (neste caso, imagens relacionadas ao dinheiro), uma parte explícita (a fala assim como foi redigida) e uma parte implícita (o significado por trás da fala).</p>
<p>PORTUGUÊS</p> <p>Pág. 38</p> <p>Romeu:</p> <p>Entreguei minha vida ao inimigo.</p>
<p>Comentários: Na tradução deste trecho para o português houve a omissão da exclamação de Romeu em “<i>O dear account!</i>”, sendo traduzida apenas a segunda parte da fala, “<i>My life is my foe's debt</i>”. Esta parte foi traduzida de forma a explicitar o sentido da frase original, dizendo que entregou a sua vida ao inimigo, pois já que ama Julieta, sua vida agora pertence a ele.</p>
<p>JAPONÊS</p> <p>Pág. 64</p> <p>ロミオ:</p> <p>とんだ高い取り引きだった!まるで敵に与えた債権だ、俺の生命は。</p> <p>Tonda takai torihikidatta! Marude teki ni ataeta saikenda, ore no seimeiwa.</p> <p>[Tradução literal]</p> <p>Romio:</p> <p>Foi um negócio muito caro! É como se tivesse dado minha vida como dívida ao inimigo.</p>
<p>Comentários: Já na tradução para o japonês, percebe-se que o tradutor se preocupou em manter o elemento imagético relacionado ao dinheiro em sua tradução, já que traduziu a primeira parte, “<i>O dear account!</i>”, como “Foi um negócio muito caro!”, uma exclamação que indica o espanto de Romeu ao perceber que se apaixonou pelo inimigo, custando-lhe muito caro. Aqui também é possível perceber que o tradutor priorizou a passagem do sentido, transmitindo o sentimento da fala original mesmo que de uma forma diferente na língua de chegada, passando essa ideia de “dor nos bolsos” que Romeu estava sentindo ao perceber sua relação com o inimigo, indicando também uma tradução por equivalência afetiva. Na segunda parte da fala, a tradução para o japonês também manteve a relação com o elemento monetário dizendo que deu a vida “como dívida ao inimigo”, sendo descrito de forma um pouco mais elaborada do que no texto original, explicitando um pouco mais que o texto em inglês. A tradução para o japonês, neste caso, transmitiu tanto o sentido quanto as referências imagéticas utilizadas por Shakespeare nesta unidade de sentido.</p>

Comentário geral: Poderíamos concluir que a tradução para o português é equivalente ao sentido do texto original, explicitando o seu sentido, no entanto houve perda quanto à bagagem poética do texto em relação ao uso de elementos imagéticos. Já na tradução para o japonês o texto também preservou o sentido, mas principalmente transmitindo também o elemento poético/emotivo que estava presente no texto original de uma forma alternativa para manter a naturalidade na língua japonesa, mantendo o nível de carga semântica presente no texto original.

SEGMENTO 5 - Explícito ou Sinédoque

INGLÊS

Page 116-117 act 3 scene 2 line 31

Juliet:

**[..] And she brings news; and every tongue that speaks
But Romeo's name, speaks heavenly eloquence.**

Comentários: Esta cena ocorre no ato 3, após o confronto de Romeu e Teobaldo onde Romeu o mata. Julieta está à espera de Romeu após se casarem. Sua ama chega com notícias sobre ele e Julieta está inquieta para saber do que se trata. Na frase “*every tongue that speaks*” ocorre uma sinédoque onde “*tongue*” é a parte e as pessoas são o todo. Aqui veremos como os tradutores lidaram com a tradução de uma sinédoque em suas respectivas línguas.

PORTUGUÊS

Pág. 66

Julieta:

**[...] Traz novas, e quem fala de Romeu
Tem na boca eloquência celestial.**

Comentários: Na tradução em português, a sinédoque do trecho original foi explicitada para “quem fala de Romeu”, sem a formulação de uma sinédoque correspondente na língua de chegada.

JAPONÊS

Pág. 134

ジュリエット:

[...] なにか消息があるにちがいない。

ただロミオ様のお名前だけでもいい、口にしてくれることは、私にとっては、すばらしい天使のおとずれも同然だわ。

[...] Nanika tayori ga aru ni chigainai.

Tada Romio-sama no onamae dake demoii, kuchi ni shite kureru koto wa, watashi ni totte wa, subarashii tenshi no otozure mo touzendawa.

[Tradução literal]

Jurietto:

[...] Não há dúvidas de que traz alguma notícia.

**Mesmo que seja apenas o nome de Romeu está bom, se sair de sua boca,
Para mim, é igual ao chamado de um anjo magnífico.**

Comentários: Na tradução para o japonês o tradutor modificou bastante a forma escrita para transmitir o significado original. Primeiramente, ele optou por direcionar a fala de Julieta apenas para a Ama. Ao invés de transmitir que “qualquer um que fale o nome de Romeu”, ele especifica a fala para a Ama de Julieta e diz que se o nome dele sair da boca da ama, isso será o suficiente. Em relação a tradução da sinédoque, a escrita em japonês trouxe a expressão “*kuchi ni suru*” (口にする) (conjugada na fala acima como “*kuchi ni shite kureru*”- 口にしてくれる) que significa “falar, por em palavras, se referir ou dizer”, uma expressão composta pelas palavras boca (*kuchi*-口) e fazer (*suru*-する). A sinédoque do texto original foi transformada em um verbo frasal.

Comentário geral: Em ambas as traduções não foram buscadas sinédoques equivalentes nas línguas de chegada. Em vez disso, a sinédoque foi ou explicitada ou substituída por outra ferramenta linguística. No entanto, podemos dizer que o trecho transmite uma "equivalência denotativa" (*denotative äquivalenz*, Koller) ao transmitir a informação contida no texto original tendo em vista a realidade extralinguística, de acordo com os critérios de determinação da equivalência de Koller, mencionado por Lederer (KOLLER, 1979, apud LEDERER, 2003).

SEGMENTO 6 - Explícito ou Sinédoque

INGLÊS

Prologue Page 1 line 4

Chorus:

Where civil blood makes civil hands unclean

Comentários: Este é um verso do prólogo de *Romeu e Julieta*, onde o coro está descrevendo o contexto da peça ao público. Este verso contém sinédoques onde “*blood*” e “*hands*” são as partes de um todo e o todo são as pessoas, o povo de Verona.

PORTUGUÊS

Prólogo Pág. 17

Coro:

Pondo guerra civil em mão sangrenta.

Comentários: Na tradução para o português, presumivelmente toda a unidade de sentido precisou ser analisada para que se chegasse a uma tradução satisfatória. A primeira sinédoque em “*civil blood*” foi interpretada na tradução como sendo uma “guerra civil” já que o conflito entre as duas famílias acaba englobando toda a cidade de Verona e seus cidadãos, que acabam lutando entre si, derramando sangue civil. Sendo assim, não se utilizou de uma sinédoque em português para traduzir o texto original, já que “guerra civil” não é parte de um todo. Já com “*civil hands*” podemos dizer que uma sinédoque equivalente foi utilizada para traduzir este trecho, com “mão sangrenta” onde “mão” é a parte e o todo são, novamente, as pessoas que fazem parte do grande conflito.

JAPONÊS

Prólogo Pág. 11

[Não foi traduzido para o japonês.]

Comentários: Curiosamente, o trecho não foi traduzido para o japonês. É possível que o tradutor tenha optado pela omissão deste verso tendo em vista que já havia atingido um bom nível de contextualização do leitor através dos outros versos do prólogo em japonês.

Comentário geral: Apesar de uma mudança na estrutura e forma da parte escrita, ainda assim a tradução em português se preocupou em encontrar uma sinédoque equivalente para uma parte do verso, preservando o significado a ser transmitido por Shakespeare. Quando se trata da tradução de sinédoques percebe-se que existem algumas possibilidades: explicitar o significado da sinédoque na língua de chegada, encontrar uma sinédoque correspondente à original ou criar uma sinédoque equivalente. Neste caso, uma das sinédoques foi mais explicitada (**civil blood**) e para a outra (**civil hands**) criou-se uma sinédoque equivalente (**mão sangrenta**). Além disso podemos dizer que este trecho constitui uma "equivalência denotativa" (*denotative äquivalenz*, Koller), por transmitir a informação presente no texto original tendo em vista a realidade extralinguística, de acordo com os critérios de determinação da equivalência de Koller, mencionado por Lederer (KOLLER, 1979, apud LEDERER, 2003).

SEGMENTO 7 - Idiomaticidade e Criação de Equivalentes

INGLÊS

Page 8 Act 1 scene 1 line 58

Tybalt:

What, art thou drawn among these heartless hinds?

Turn thee Benvolio; look upon thy death.

Comentários: Neste momento, Teobaldo está provocando Benvólio a lutar com ele, implicando que, ao invés de lutar com os servos que ele está tentando apartar, Benvólio deveria lutar com Teobaldo.

PORTUGUÊS

Pág. 19

Teobaldo:

De espada em punho pr'essas coelhinhas?

Aqui, Benvólio; e encare a sua morte.

Comentários: a principal questão é o uso de “coelhinhas” para se referir aos servos que estão lutando. Uma tradução por equivalência, coerente com o “espírito” da língua para qual a expressão idiomática foi traduzida (Teobaldo acredita que os servos são covardes e indignos de uma luta com Benvólio, desdenhando deles, por isso “coelhinhas”: bichinhos indefesos sem ninguém para protegê-los).

JAPONÊS

Pág. 17

ティボルト:

なんだと、こんな腰抜野郎ども相手に剣など抜いて、どうしようというんだ。
やい、ベンヴォーリオ、相手は俺だ、観念しろ。

Nandato, kon'na koshinuke-domo aite ni ken nado nuite, doushiyou to iunda.

Yai, benvorio, aite wa oreda, kan'nen shiro.

[Tradução literal]

Tiboruto:

O que? O que você está fazendo com a espada desembainhada contra esses idiotas covardes?

Ei, Benvólio, seu oponente sou eu, se prepare.

Comentários: Em japonês, o termo utilizado foi “*koshinuke yarou*” (腰抜野郎) que literalmente significa “idiota covarde”. Não é uma tradução por correspondência, mas sim, por equivalência, pois por passar a mesma ideia do texto original com uma expressão idiomática própria do japonês, ele demonstra naturalidade no uso da língua. Em comparação com a tradução para o português, o texto em japonês se aproxima mais do significado literal, traduzindo mais ao pé da letra, porém dentro do “espírito” da língua japonesa.

Comentário geral: Nas notas de rodapé da edição de *Romeu e Julieta* da editora Longman são apresentadas algumas definições para *Heartless hinds*: (a) “*cowardly, spiritless servants (hinds)*”; (b) “*female deer (hinds) without a male deer (hart) to lead and protect them*”. Ambos os sentidos transmitem o desprezo de Tebaldo pelos servos. Com base nisso é possível dizer que ambas as traduções estão coerentes com o real significado da expressão em inglês, apenas seguindo caminhos diferentes para as traduções em suas respectivas línguas. A tradução para o japonês foi pelo sentido mais literal da expressão (de servos covardes), enquanto a tradução para o português tentou encontrar uma solução que mantivesse as referências que conectassem os servos a animais indefesos. Além disso, pode-se assumir que o termo “coelhinhos” assumiu uma conotação de caráter sexual devido a sua conexão às famosas coelhinhos da revista *playboy*, tendo em vista as inúmeras falas de teor erótico presentes nas peças de Shakespeare, assim como em *Romeu e Julieta*. Tendo em vista isso, até poderíamos dizer que outro termo possível para esta tradução seria “franguinhas”. No entanto cada tradutor se atentou a utilizar expressões que se harmonizam com o aspecto idiomático de sua língua, traduzindo a expressão que está no “espírito” da língua original utilizando outra no “espírito” da língua de chegada. A idiomaticidade neste trecho está muito evidente. Além disso, de acordo com os critérios de determinação da equivalência de Koller, mencionado por Lederer (KOLLER, 1979, apud LEDERER, 2003), é possível dizer que a tradução desse trecho possui uma “equivalência estética formal” (*formal-ästhetische Äquivalenz*), onde a tradução produz o mesmo efeito que o escrito original.

SEGMENTO 8 - Brechas lexicais, liberdade e fidelidade

INGLÊS

*Page 107 Act 3 Scene 1 Line 70***Mercutio:****O calm, dishonourable, vile submission!****"Alla stoccata" carries it away. [He draws his sword]****Tybalt, you rat-catcher, will you walk?**

Comentários: Esta fala ocorre quando os Capuletos e os Montéquios se enfrentam novamente. Após Romeu ter recusado um duelo com Teobaldo, Mercúcio, indignado com a atitude de Romeu, desafia Teobaldo logo em seguida. Ele utiliza a expressão "*Alla stoccata*", um termo em italiano vindo da esgrima que significa "à maneira do golpe" ("*in the manner of the thrust*" como indicado nas notas de rodapé do livro), e em seguida, "*carries it away*" que significa que ele ganha, que ele "*carries the trophy away*" (leva embora o troféu) por ter se safado de uma luta com Romeu, sugerindo em sua fala um senso de vitória insolente. O sentido da frase é: "Teobaldo, com sua moda italiana de esgrima, venceu a competição". É importante lembrar que no texto, "*Alla stoccata*" é utilizado como um apelido para Teobaldo, que é conhecido por ser um espadachim experiente que conhece todos os golpes e termos "chiques" da esgrima, por isso Mercúcio o provoca com isso.

PORTUGUÊS

*Pág. 61***Mercúcio:****Mas que calma mais vil de desonrosa!*****Alla stoccata* é a palavra de ordem! (Saca a espada.)****Teobaldo, seu pega-ratos; vamos lá?**

Comentários: Na tradução em português, a expressão "*Alla stoccata*" foi mantida. Aqui temos um exemplo de uma brecha lexical entre a língua de origem e a língua de chegada, descrita por Lederer como sendo uma "palavra intraduzível" na língua alvo, evidenciando uma falta de correspondência entre as línguas. No entanto, ela também explica que tais brechas podem ser superadas se a ideia do texto for reformulada. Acredita-se que a expressão foi mantida por falta de correspondências para a expressão na língua portuguesa, considerando que "*Alla stoccata*" é um termo de uma origem bem específica, proveniente da esgrima italiana, que carrega significado para o personagem de Mercúcio, que utiliza termos italianizados referentes à esgrima de forma debochada noutras partes da peça (Ato 2 Cena 3 linha 24: *passado, punto reverso, hai*) para fazer referência a Teobaldo, a quem detesta. Estes termos também eram moda no inglês cortesão elisabetano da época, demonstrando o contexto histórico através da fala, além do fato da expressão estar sendo utilizada especificamente para se referir a Teobaldo. Tendo essas questões em vista, a tradutora optou por utilizar a mesma terminologia como uma "loanword" (empréstimo linguístico) para poder transmitir toda a carga de significado contida no texto, em sua tradução para os leitores brasileiros. Além disso, quando se diz "*Alla stoccata* é a palavra de ordem!", acredita-se que o termo pode ter sido interpretado, além de um apelido para Teobaldo, como um "ponto crucial" para ganhar o duelo (palavra de ordem), já que à maneira (italiana) do golpe, Teobaldo ganhou de Romeu, além de poder ser considerado como uma incitação ou provocação para Teobaldo lutar com Mercúcio, que no fim, é o seu objetivo.

JAPONÊS

Pág. 122

マキューシオ:

あああ、なんて恥つかきな、みっともない御機嫌取りだ!

なに、お突きイと一本、話はそれをつくんだよ。

やい、ティボルト、鼠取り、出るところへ出るか?

Aaa, nante hajikkakina, mittomonai gokigentorida!

Nani, otsukiitoippon, hanashiwa sorede tsukundayo.

Yai, Tiboruto, nezumitori, derutokoe deruka?

[Tradução literal]

Makyuushio:

Ahhh, que vergonhoso, é um favor deplorável!

O que, “otsukiitoippon”, a conversa termina por aqui.

Ei, Teobaldo, pega-ratos, vai sair/vir?

Comentários: A tradução para o japonês, por outro lado, encontrou uma alternativa para o termo buscando a solução em seu próprio esporte nacional: o Kendô. Por ser uma arte marcial que também trabalha com o manuseio de espadas, o tradutor procurou um termo dentro do esporte que carregasse um significado semelhante e pudesse corresponder ao termo original. Assim, o tradutor optou por utilizar a expressão “*Otsukiitoippon*” (お突きイと一本), um termo utilizado no contexto do Kendô, que é usado para descrever um golpe muito preciso, direcionado ao peito do oponente. Como um todo, a expressão indica que o lutador conseguiu marcar um ponto com um golpe perfeitamente executado, evidenciando a qualidade e precisão do golpe. Assim como na versão original, a expressão “*Otsukiitoippon*” está sendo usada como chamamento, apelido para Teobaldo. É uma expressão que facilitará a compreensão da fala pelo público japonês a partir de algo com que eles têm mais familiaridade, em contraste com a tradução para o português, por não ser uma expressão nativa. No entanto, ela não traz a carga cultural e histórica em relação à esgrima italiana que a fala original traz, mas facilita a compreensão do leitor da língua alvo ao trazer a fala mais para perto de sua cultura.

Comentário geral: As duas traduções foram bem embasadas de acordo com seus respectivos pontos de vista, pois cada uma priorizou um aspecto tradutório diferente. Na tradução em português, além de observarmos como as tradutoras lidaram com a brecha lexical, também pudemos observar a priorização da fidelidade ao texto original, permitindo que o texto traduzido continuasse retendo toda a carga de significado cultural e histórico que possuía no original. Já na tradução para o japonês, foi priorizada a liberdade no processo tradutório, onde o tradutor optou por aproximar a realidade de *Romeu e Julieta* de seu contexto utilizando um termo proveniente da cultura japonesa para substituir o escrito original, encontrando em sua língua um correspondente cultural para a expressão. Na tradução deste trecho é possível dizer que temos tanto uma “equivalência estética formal” (*formal-ästhetische äquivalenz*) pela produção do mesmo efeito da expressão original para as línguas de chegada, quanto uma “equivalência pragmática” (*pragmatische äquivalenz*) pela adaptação da expressão em japonês ao conhecimento do leitor, de acordo com os critérios de determinação da equivalência de Koller, mencionado por Lederer (KOLLER, 1979, apud LEDERER, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo aprofundou minha compreensão sobre os desafios intrincados da tradução literária ao analisar a obra atemporal de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, em contextos linguísticos e culturais diferentes. Ao confrontar a versão original em inglês dos segmentos selecionados com as traduções para o português brasileiro e para o japonês, emergiram nuances significativas que revelam a complexidade e a riqueza do processo de tradução.

A análise comparativa evidenciou que as diferenças linguísticas e culturais entre inglês, português brasileiro, e japonês não devem ser enxergadas apenas como obstáculos, mas também como fontes de criatividade para os tradutores, trazendo à tona suas identidades artísticas. As escolhas tradutórias de Ana de Mendonça e Barbara Heliodora, e de Toshio Nakano revelaram a sensibilidade necessária para navegar por variações estruturais, vocabulário específico e nuances culturais, mostrando que não existe uma abordagem universal para a tradução literária; cada tradutor enfrenta desafios únicos e desenvolve estratégias próprias para superar os desafios do texto e preservar a essência da obra original.

Os princípios de Correspondência e Equivalência, delineados por Lederer (2003), forneceram uma base valiosa para entender as escolhas dos tradutores, porém, também deixando evidente que existe uma flexibilidade com relação a aplicação desses conceitos, que a tradução é uma prática dinâmica, variando de acordo com o contexto da tradução. Os tradutores, ao equilibrar a fidelidade ao original e a adaptação criativa, demonstraram a complexidade inerente à tradução literária.

Foi possível observar que a tradução literária expressa um equilíbrio delicado entre preservar a essência do original e adaptar-se às demandas do público-alvo. A complexidade desse processo nos lembra da riqueza da diversidade linguística e cultural e da importância de tradutores como mediadores culturais, que não apenas transmitem palavras, mas também emoções, nuances e a essência de obras literárias atemporais. É preciso mais que transposição de palavras, sendo necessário o uso da criatividade e uma compreensão profunda dos idiomas, da literatura e de competências tradutórias.

Acredito ter alcançado os objetivos a que me propus com este trabalho, sendo eles observar, nos segmentos selecionados, os empecilhos que surgiriam das traduções de *Romeu e Julieta*, assim podendo investigar como foram superados pelos tradutores com suas maneiras

singulares de lidar com os obstáculos. A análise comparativa das estratégias adotadas nas traduções da peça para o português brasileiro e para o japonês iluminou as nuances da obra de Shakespeare e destacou a importância de uma compreensão profunda das línguas e culturas envolvidas no processo de tradução.

Ao examinar as abordagens dos tradutores em relação aos princípios de Correspondência e Equivalência, o trabalho visou oferecer uma contribuição para o campo da tradução e estimular pesquisas futuras mais aprofundadas sobre os temas aqui abordados, de modo a enriquecer nossa compreensão a respeito das práticas tradutórias em contextos linguísticos e culturais diversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fundamentação Metodológica

SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23ª edição revisada e atualizada. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

LUNA, S.V. *Planejamento de Pesquisa, uma introdução*. 1ª edição. São Paulo: Editora EDUC, 1998.

WILLIAMS, J; CHESTERMAN, A. *The map: A beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome, 2002.

Fundamentação Teórica

LEDERER, M. *Translation - The Interpretive Model*. Tradução: Ninon Larché. Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome, 2003.

Corpus da Pesquisa

Fontes Materiais

SHAKESPEARE, W. *Romeo and Juliet*. Harlow: Longman, 1965.

_____. *Romeo and Juliet*. Tradução: Yoshio Nakano. Tóquio: Shinchosa, 1951.

_____. *Romeo and Juliet*. Tradução: Ana Mendonça e Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

Fontes virtuais

Noureldin Abdelaal e Abdulkhaliq Alazzawie; Universidade de Zulia; 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/279/27962050031/html/>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

John McGinnis. Disponível em: <https://myshakespeare.me/shakespeares-works/elements/figures-of-speech/by-name/synecdoche/>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

John McGinnis. Disponível em: <https://myshakespeare.me/quotes/gallop-apace-fiery-footed-steeds/>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

John McGinnis. Disponível em: <https://myshakespeare.me/quotes/two-households-alike-dignity/>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

Wikipedia. Disponível em: <https://ja.wikipedia.org/wiki/%E4%B8%AD%E9%87%8E%E5%A5%BD%E5%A4%AB>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Ebiografia; 2016; https://www.ebiografia.com/barbara_heliodora/; junho de 2023.

Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Heliadora_Carneiro_de_Mendon%C3%A7a . Acesso em: junho de 2023.

Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anna_Am%C3%A9lia_Carneiro_de_Mendon%C3%A7a. Acesso em: julho de 2023.

Answers TM; 2023. Disponível em: https://www.answers.com/performing-arts-sc/What_does_%27Alla_stoccata%27_mean_in_act_3_scene_1_in_romeo_and_juliet. Acesso em: agosto de 2023.

Belas Infiéis; Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade de Brasília; 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/12225>. Acesso em: setembro de 2023.

PUC-Rio. Traduções Brasileiras Publicadas do Drama Shakespeariano (1933-2015). Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/shakespeare/pdfs/traducoes_publicadas_por_peca15.pdf Acesso em: 04 out. 2023.

MARTINS VIANNA, Alexander. As ameaças à corporidade estatal em Romeu e Julieta. Fênix - Revista de História e Estudos Sociais UFRJ, Rio de Janeiro, junho de 2009. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/download/145/136/>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

WELLER, Philip. Romeo and Juliet: Act 3, Scene 1. Shakespeare Navigators. Disponível em: <https://shakespeare-navigators.ewu.edu/romeo/T31.html#:~:text=Alla%20stoccata%20carries%20it%20away,Alla%20stoccata%20carries%20it%20away> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

FLORMAN, Ben. Romeo and Juliet Translation Act 3, Scene 1. LitCharts. Disponível em: <https://www.litcharts.com/shakescleare/shakespeare-translations/romeo-and-juliet/act-3-scene-1> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

São Paulo, 7 de novembro de 2023
Aluna: Beatriz Chiemi Sakamoto Cardoso